

A NEGOCIAÇÃO DAS DISTÂNCIAS: FORMAS DE RELACIONAMENTO CIDADE/CAMPO

NOTA PRÉVIA:

O texto aqui apresentado tem por base a investigação por nós realizada no quadro do projecto PNUD/UNESCO "Spatial Development", dirigido pelo Professor Pierre Pellegrino da Universidade de Genebra e pelo Professor Augusto Guilherme Mesquitela Lima da Universidade Nova de Lisboa. Tratou-se de um trabalho realizado no interior de uma equipa multidisciplinar, mas que no entanto acabou por ser modulado pela formação específica de cada um dos investigadores. O nosso texto insere-se por isso num campo disciplinar amplo, que estuda a relação entre o *espaço* e a *sociedade*, e num campo restrito, a que chamaríamos *antropologia do espaço*. Apresentaremos alguns dos resultados relativos ao estudo efectuado, no interior do projecto antes referido, na Região Centro de Portugal, mais especificamente ao terreno constituído por Coimbra, Portunhos, Souselas e Barcouço.

A DICOTOMIA CAMPO/CIDADE

A formulação da dicotomia *campo/cidade* é, se considerarmos o pensamento sociológico, um procedimento conceptual clássico. Os conteúdos que lhe são atribuídos têm no entanto vindo a ser alterados, de forma a integrar novas componentes da realidade social contemporânea. Hoje a referida oposição poderá ser pertinente em certos contextos, mas deve ser colocada

não só ao nível da justaposição de dois mundos que possuem características diversas mas também ao nível das múltiplas formas de interacção que entre eles se estabelecem. A análise dos mecanismos que estabelecem a relação entre a *cidade* e o *campo* coloca-nos em presença de uma variabilidade que se refere tanto às formas da transformação da sociedade como às configurações daí resultantes. Os processos mais recentes de urbanização, fortemente associados a novos meios de comunicação, dão forma a espaços onde se torna difícil definir as fronteiras entre as cidades e o campo. Alguns autores definem essa realidade como a extensão à totalidade do território dos géneros de vida urbanos. É nessa perspectiva que Jean Remy define a urbanidade como "a arte de comunicar à distância"(Remy 1990 :85): numa situação urbana, a cidade passa a ter a função de dar suporte a um modo de existência em que diferentes entidades se relacionam, mantendo-se no entanto espacialmente distantes.

No caso português, a urbanidade encontra-se ainda em construção mas manifesta já características claramente diferentes dos países industrializados. O território português é uma espécie de "patchwork" que conjuga o rural, o industrial não-urbano e o urbano. A importância crescente dos meios de comunicação criou um desfasamento temporal, dado que a mobilidade faz com que os géneros de vida urbanos se difundam antes da existência das condições materiais que noutros países acompanharam o seu aparecimento.

Esta situação tem sido estudada por alguns autores a partir de um ponto de vista que privilegia justamente a heterogeneidade das formas de articulação entre aquilo que, de um ponto de vista abstracto, poderíamos chamar *campo* e *cidade*, ou, para sermos mais englobantes, *rural* e *urbano*. Entre esses autores destaca-se Boaventura Sousa Santos, que define a problemática portuguesa a partir das características que atribui à condição *subperiférica* do País: "*por via do tipo e da historicidade do seu nível de desenvolvimento*

intermédio, a sociedade portuguesa é muito heterogénea. Caracteriza-se por articulações complexas entre práticas sociais e universos simbólicos discrepantes, que permitem a construção social, tanto de representações do centro, como de representações da periferia" (Sousa Santos 1994 : 59). Na linha de pensamento de Boaventura Sousa Santos, pensamos que essa *heterogeneidade* não deverá ser pensada como uma condição passageira mas antes como um factor de caracterização a ter em conta: "*a coexistência (...) da modernidade, da pré-modernidade e da pós-modernidade na sociedade portuguesa, uma coexistência dinâmica e aparentemente duradoura, é talvez o factor mais determinante da nossa especificidade a merecer uma análise sociológica cuidada (...).*" (Supra : 61)

Uma vez definida a problemática geral do tema em estudo, trata-se de elaborar uma estratégia de abordagem do real que permita interpretá-la. No nosso caso, observamos um objecto preciso - as *representações do espaço* - e é a partir dele que pretendemos comentar a questão das formas da passagem do *rural* ao *urbano* (e consequentemente a questão das formas da dicotomia campo/cidade).

AS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO

A constituição do nosso objecto, as *representações do espaço*, surge na continuidade do pensamento de Durkheim: partimos do princípio de que o espaço é, tal como o tempo, uma "*categoria do entendimento*", ou seja, ambos são "*(...)representações colectivas que exprimem realidades colectivas, (...) coisas sociais, produtos do pensamento colectivo*" (Durkheim 1979 : 13 tradução livre). Assim determinado o objecto resta saber o que é que essa definição implica. Quando falamos de *representação colectiva do espaço* de que é que falamos? Continuemos, para formular uma resposta à questão, na filiação durkheimiana: "*a representação espacial consiste*

essencialmente numa primeira coordenação dos dados da experiência sensível. Mas esta coordenação seria impossível se as partes do espaço se equivalessem qualitativamente, se fossem de facto mutuamente substituíveis. Para poder dispor as coisas espacialmente é necessário situá-las de forma diversa: colocar umas à direita, outras à esquerda, estas em cima, aquelas em baixo, a Norte ou a Sul, a Este ou a Oeste, etc (...)". Representar o espaço corresponde então, no essencial, a ordenar o heterogéneo, ou, dito de outro modo, a produzir, espacialmente falando, sentido. *"Por si mesmo ele [o espaço] não tem nem direita nem esquerda, nem alto nem baixo, nem Norte nem Sul, etc. Todas essas distinções derivam evidentemente do facto de esses diferentes valores afectivos terem sido atribuídos às regiões. E como todos os homens de uma mesma civilização representam o espaço da mesma maneira, é evidentemente necessário que os valores afectivos e as distinções que deles dependem lhes sejam igualmente comuns; o que implica, quase necessariamente, que sejam de origem social"*(Supra : 15-16 tradução livre).

Quando se fala em *representações colectivas*, pressupõe-se que os membros de uma determinada colectividade possuem repertórios semelhantes de significações (embora, como insistem alguns autores mais actuais, esses repertórios estejam sujeitos, nas suas actualizações, a variações individuais), que são reconhecidos como fazendo parte da existência da colectividade. No que diz respeito ao espaço, isso significa que existe um princípio de atribuição de significações ao território que é comum aos membros de uma dada colectividade. Através das representações do espaço, os indivíduos conferem uma especificidade ao seu território e reconhecem uma identidade à sua colectividade; o que significa que se estabelece um laço indissociável entre o sentimento de pertença a uma colectividade e o sentimento de pertença a um território. Por isso é necessário estudar, nas representações observadas, a forma como a

colectividade é pensada enquanto entidade particular - idêntica a uns e diferente de outros - e a forma como ela é investida num território que lhe é próprio, e que, por isso, é distinto do território dos outros. Trata-se, finalmente, de elaborar o objecto da investigação, de forma a que o território seja estudado do ponto de vista da antropologia do espaço e da antropologia do simbólico. Para a antropologia, o território é uma forma de a cultura estruturar a sua relação com os objectos (com a materialidade) e as representações do espaço são, enquanto configuração simbólica, um dos meios de constituição desse mesmo território.

Observamos então as representações colectivas do espaço, um objecto a situar no interior de um objecto mais lato, as representações sociais da realidade (Berger e Luckmann 1976), e, na continuidade do objecto tradicional da antropologia, a cultura considerada como um sistema colectivo de significações, produzido e reproduzido no interior de processos de comunicação. Interessa-nos observar não só as formas e os conteúdos das representações mas também o dinamismo resultante dos processos de comunicação que lhes dão existência, ao mesmo tempo que as transformam (Hannerz 1983).

Uma vez feita uma definição geral do objecto, colocam-se algumas questões suplementares. A primeira diz respeito à delimitação do colectivo que pretendemos observar. No nosso caso particular, delimitamos terrenos constituídos por localidades de nível hierárquico distinto: uma cidade e três periferias. A segunda diz respeito às técnicas de observação e de análise a utilizar. Para resumir, diremos que fizemos entrevistas semidirectivas, posteriormente analisadas a partir de uma técnica de codificação que nos permite articular os espaços (topónimos), as temáticas e as modalidades da espacialização (a este respeito, cf. a obra "*Espace et développement, tome I, développement spatial et identités régionales au Portugal; espaces en*

interaction, transformations régionales et structures locales" (Pellegrino 1986a), onde se descreve pormenorizadamente a metodologia utilizada).

REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO E INTERACÇÃO CULTURAL

As hipóteses de partida do nosso trabalho pressupõem que as representações do espaço - como qualquer outro sistema de representação - resultam de interacções simbólicas entre diferentes actores sociais. Ou seja, a representação do espaço de uma comunidade é o resultado de um processo complexo de comunicação, que integra a negociação com as representações do espaço das comunidades vizinhas. Neste processo, os actores mais activos são aqueles que se deslocam com mais frequência, e que, por isso, mobilizam a comunidade para o desenvolvimento de novas formas de relação entre o *campo* e a *cidade*: são eles que deslocam os valores de um meio para o outro e são também eles que desenvolvem as negociações necessárias às transformações dos valores, sobretudo dos valores mais tradicionais.

A ideia da existência de um processo interactivo entre as representações das diferentes localidades em presença orientou os estudos de caso que passaremos a resumir. As representações por nós observadas são o resultado de uma dinâmica constante, que coloca em interacção (ou em diálogo) comunidades e, necessariamente, sistemas simbólicos. Concebidas deste ponto de vista, as representações do espaço revelam-se dinâmicas e em constante transformação.

Pode conceber-se dois tipos de situações que conduzem à transformação das representações do espaço: 1. a própria condição de existência das representações - actualizam-se nos processos de comunicação interindividuais - conduz à sua transformação, dado que as actualizações

dinamizam e alteram a narrativa original, **2.** as transformações da sociedade orientam, de forma diversa, as alterações das representações (por exemplo, razões internas ao funcionamento da comunidade - o espaço de referência altera-se depois de um surto de migração (é o caso de quase toda a província portuguesa) -; ou razões com origem externa - o *espaço funcional* altera-se depois da implantação de uma fábrica de cimentos (é o caso de Souselas)). Para trabalhar a questão do dinamismo das representações do espaço propusemos dois cenários: o da alteração em continuidade (que aproximámos da noção de "sistema de transformações" (Lévi-Strauss 1962)) e o da alteração por ruptura (que aproximámos da noção de "catástrofe" (Thom 1981, Perrin 1986)).

O estudo de caso da aldeia de Souselas sugeriu-nos a hipótese da catástrofe, enquanto o estudo de caso de Portunhos nos sugeriu a hipótese do sistema de transformações. Os quatro estudos de caso realizados, quando observados do ponto de vista da transformação das representações do espaço, levaram-nos a concluir que: **1.** mesmo nos casos em que as transformações conduzem à desestruturação da configuração espacial existente, as comunidades podem desencadear projectos de espaço alternativos, que levam à construção de uma nova configuração (Souselas), **2.** em casos de transformação social integrada, a configuração espacial de origem pode comportar as modificações que a adaptam à nova situação (Portunhos), **3.** em ambos os casos, o processo envolve várias localidades, colocadas em interacção e, do ponto de vista específico das representações, em situação de comunicação.

As transformações do espaço integram-se na questão mais geral da *urbanização do território*, questão que quando trabalhada do ponto de vista das diferentes escalas de representação se revela complexa, dada a interdependência que estas mantêm entre si. A interdependência das

escalas de representação traduz-se na interacção entre os espaços local e regional o que, se olhado de outro ponto de vista, significa interacção entre *campo* e *cidade*. Nos estudos de caso que vamos resumir, relativos à região de Coimbra, verificámos, por exemplo, que uma organização tradicional do espaço local pode determinar, ao nível regional, um bloqueamento da cidade (cidade de Coimbra) e que, ao contrário, a cidade, embora materialmente ausente, pode organizar um espaço rural em transformação (aldeia de Souselas).

Passemos então ao resumo dos estudos de caso das aldeias de Portunhos, Souselas e Barcouço, e da cidade de Coimbra.

DO ESPAÇO LOCAL AO ESPAÇO REGIONAL: UMA TRANSFORMAÇÃO PACÍFICA

O estudo de caso de Portunhos permite observar um processo de urbanização equilibrado, que opera por transformação gradual da configuração espacial inicial. Nesse processo estão envolvidas várias escalas de representação do espaço, e é na passagem do espaço local para o espaço regional que encontramos os mecanismos que conduzem à transformação do território.

As representações do espaço observadas em Portunhos manifestam um posicionamento que corresponde a duas *escalas de centração*: escala local e escala regional. Estas duas escalas, que apesar das interacções que estabelecem, mantêm pertinência quando observadas isoladamente, possuem significados diversos, que podemos sintetizar nas oposições tradição/modernidade e ruralidade/urbanidade. Começemos por apresentar as componentes da escala local.

Portunhos situa-se numa zona ligada ao sector primário e à indústria de extracção. A indústria de extracção reveste-se de particular importância pois é ela, através da denominada "pedra de Ançã", que emblematiza o espaço local; a imagem exterior da região está, segundo os seus habitantes, associada à boa qualidade da sua pedra. Trata-se de uma representação com uma forte componente narrativa, dado que a *memória colectiva* (Halbwachs 1968 e Connerton 1993) atribui a Portunhos a origem da pedra utilizada em Coimbra, na construção da igreja de Santa Cruz. A este nível, a representação colectiva organiza uma relação *cidade/campo* em que o campo valoriza simbolicamente o seu património, ao mesmo tempo que marca a sua posição no espaço público da cidade, associando-se ao seu património histórico.

Mas o espaço local pode também ser observado na sua organização interna: é um espaço de reprodução simbólica que garante a manutenção de uma memória colectiva organizadora das relações sociais estabelecidas entre as localidades que o integram. A sua estruturação interna determina relações entre diferentes localidades, através de uma classificação que distingue relações sociais positivas e relações sociais negativas:

"Havia uma rivalidade. Os de Pena vêm aqui, pessoal novo, e a malta de outra idade, dizem assim, Cuidado que esses tipos são da Pena e são isto e são aquilo. E se os daqui vão lá, eles dizem a mesma coisa, ou talvez pior! Nós damo-nos bem, sempre nos demos bem com Ançã. Sempre foi uma maravilha." (Portunhos 3)

No centro das configurações que organizam o espaço local encontra-se uma oposição, elaborada a partir do ponto de vista de Portunhos, que coloca duas localidades: Ançã, com quem Portunhos estabelece relações

preferenciais positivas, e Pena, com quem Portunhos estabelece relações preferenciais negativas. Estas relações aparecem, nas análises das entrevistas, associadas sobretudo a dois grandes temas: a sociedade e a história. Colaboração e conflitos são colocados em relação com os rituais, os costumes e a tradição. De facto, é através de práticas rituais que se exprimem e se estabelecem as relações sociais positivas e negativas: é nos bailes, nos discursos jucosos e hoje também no futebol ou nos grupos folclóricos, que a amizade e a hostilidade se manifestam. A oposição entre Pena e Ançã é apresentada como qualquer coisa que vem do passado e que hoje se mantém, apesar de modificada nas suas formas de expressão.

Esta oposição permite definir um eixo espacial que vai de Pena a Ançã, passando por Portunhos, e que surge no centro de todas as configurações que dão forma ao espaço local. Conclui-se que o núcleo central do espaço local organiza a identidade colectiva da comunidade a partir de uma lógica tradicional que isola dois espaços, constitutivos de um *Nós* (e da *identidade inclusiva*) e de um *Outro* (e da *identidade exclusiva*): Portunhos une-se a Ançã para formar um bloco único contra Pena.

As relações sociais estabelecidas entre as aldeias são sobredeterminadas por uma tradição que as ritualizou, no interior de um espaço que se mantém organizado pela memória colectiva. Uma abordagem diacrónica permite, no entanto, observar modificações da estrutura social e económica da aldeia, que resultam no estabelecimento de relações mais numerosas com lugares situados no exterior do espaço local. A escala regional coloca nas configurações espaciais localidades urbanas (Cantanhede e Coimbra) e articula-as com o mundo rural através de relações funcionais e formais, tematizadas pela economia e as deslocações da população. As relações com os pólos urbanos inserem-se num sistema económico mais vasto, que integra localidades de diferentes níveis. Ao contrário do que se passava à

escala local, onde a solidariedade entre as localidades se estabelecia a partir de uma consciência colectiva comum ("solidariedade mecânica"), o espaço regional organiza-se por relações de interdependência entre localidades que se assumem como diferentes ("Solidariedade orgânica")(Durkheim : 1960).

Coimbra e Cantanhede surgem, neste contexto, preferencialmente representadas como lugares de chegada de fluxos associados às actividades económicas, mais especificamente ao comércio e serviços. Uma análise detalhada permite no entanto estabelecer diferenças, surgindo Coimbra associada a actividades mais especializadas (compras excepcionais e consulta de médicos especialistas) e Cantanhede a actividades mais correntes (compras no comércio local ou no mercado semanal e consulta de médicos de clínica geral). O mesmo se pode dizer das actividades de carácter lúdico: enquanto a Coimbra se vai para as festas da Raíña Santa ou para ir ao cinema, a Cantanhede vai-se para estar no café com amigos das aldeia vizinhas ou mesmo da própria vila. Se definirmos a cidade como "*um meio onde desconhecidos se encontram*" (Sennett 1979), diremos que Coimbra é, para os habitantes de Portunhos, mais cidade do que Cantanhede.

As transformações do espaço integram-se na questão mais geral da *urbanização do território*, questão que quando trabalhada do ponto de vista das diferentes escalas de representação se revela complexa, dada a interdependência que estas mantêm entre si. A interdependência das escalas de representação traduz-se na interacção entre os espaços local e regional o que, se olhado de outro ponto de vista, significa interacção entre *campo* e *cidade*. Nos estudos de caso que vamos resumir, relativos à região de Coimbra, verificámos, por exemplo, que uma organização tradicional do espaço local pode determinar, ao nível regional, um bloqueamento da cidade

(cidade de Coimbra) e que, ao contrário, a cidade, embora materialmente ausente, pode organizar um espaço rural em transformação (aldeia de Souselas).

Conclui-se que Cantanhede mediatiza a oposição entre espaço local e espaço regional, visto que apresenta, embora enfraquecidas, algumas das características quer de um quer do outro (apesar de responder às funções de um pólo urbano, fá-lo com um grau de familiaridade maior do que Coimbra). Através da sua presença nos dois espaços, a vila neutraliza a oposição entre as duas escalas de centração, permitindo assim uma articulação entre elas e, conseqüentemente, uma estruturação do espaço transformadora da oposição *rural/urbano*. É ao nível da articulação das duas escalas de centração - que são duas escalas de organização da sociedade - que podemos observar a dinâmica do espaço, resultante de uma simultaneidade, de uma justaposição e de uma interacção de sistemas representativos.

A articulação entre o espaço local e o espaço regional permite conjugar as análises sincrónica e diacrónica, num modelo explicativo da interacção dos sistemas coexistentes. Poderemos assim observar o processo de transformação operado por Portunhos, que através de um encadeamento da escala local na escala regional modifica a escala de centração, por alargamento do território e deslocamento do centro, permitindo a emergência dos valores urbanos no seio de uma sociedade tradicional.

Todas as configurações observadas seguem uma mesma estrutura de organização do espaço, que tem por base um eixo central constituído por Cantanhede, Pena, Portunhos, Ançã e Coimbra. Este eixo serve de suporte aos sistemas de representação relativos ao espaço local (Pena, Portunhos e Ançã) e ao espaço regional (Coimbra), comportando ainda a localidade que

possibilita a sua mediação (Cantanhede). A passagem da escala local à escala regional faz-se por transposição dos limites espaciais (é o eixo organizador do espaço local que se prolonga para servir de suporte ao espaço regional) sem que as posições relativas das localidades se alterem.

Esta configuração permite uma dinâmica de abertura do espaço muito particular: o *aqui* e o *além* correspondem-se, ao nível da estrutura que os organiza, sendo o *além* sempre um alargamento do *aqui*. A representação do espaço demonstra assim uma capacidade de integração de novos espaços nas configurações já existentes. Esta capacidade para estabelecer relações com os outros manifesta-se no processo de modernização da localidade, que põe em relação uma estrutura local sociologicamente forte e uma estrutura regional introdutora de transformações, sem que a comunidade manifeste indícios de desestruturação.

Neste processo, os actores sociais mais activos são os representantes da mobilidade (diária e esporádica), que num movimento constante entre o mundo rural e o mundo urbano veiculam novos valores, que introduzem na comunidade ao nível da vivência social e das práticas económicas. De facto, são as relações com o exterior que organizam a transmissão da diferença no interior da própria comunidade. O risco de desestruturação que este movimento contém é de alguma forma compensado pelo reforço da lógica tradicional que, como vimos, mantém, ao nível do espaço local, toda a sua eficácia. A urbanização do território surge assim associada ao reforço de algumas das suas componentes mais tradicionais, nomeadamente as práticas rituais que gerem as relações entre comunidades rurais.

O LUGAR DA CIDADE NA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO LOCAL

O estudo de caso de Souselas coloca-nos face a uma situação completamente diversa daquela que observámos em Portunhos. Neste caso, estamos frente a uma situação de transformação repentina e abrupta, que levou à destruição do modelo territorial existente e ao aparecimento de um projecto de construção de uma nova configuração espacial. Neste processo a cidade, ou mais precisamente a representação da cidade, revela-se particularmente importante, visto que é por referência a ela que a aldeia vai reorganizar o espaço local.

"A fábrica modificou toda a imagem ... portanto, basta chegar lá abaixo à serra do Alhastro, por exemplo. Aquilo era tudo terras de cultivo, e hoje não é nada, eles arrasaram tudo. Inclusivamente o rio, ele não passava por onde ele passa agora, foram eles que o desviaram. A agricultura agora está muito abandonada: o povo desinteressou-se muito por causa da poluição, uma parte deste povo empregou-se na fábrica e a agricultura está muito abandonada."

(Souselas 4)

A implantação de uma fábrica de cimento produziu uma ruptura na organização do espaço da *aldeia*: repentinamente Souselas transformou-se numa localidade industrial, facto que a fez perder todos os referentes tradicionais. A própria memória colectiva foi afectada, e o símbolo dessa perda é a destruição do cemitério pelo pó que sai das chaminés da fábrica :

"Os meus pais estão enterrados neste cemitério. Eu tenho lá uma campa que está toda negra, toda negra. Se a menina a visse diria, A senhora tem razão, nem só de pão vive o homem. Isto é um flagelo."

(Souselas 4)

A transformação operada pela implantação da fábrica conduziu ao isolamento da localidade no interior de um espaço que continuou rural. Resultado: a par de uma desestruturação interna a aldeia foi sujeita a um isolamento socioespacial, que resultou na anulação da posição que ocupava, antes de se transformar, no interior do espaço local. Este isolamento resultou numa contracção do espaço, que hoje se organiza a uma escala de representação reduzida. O espaço de acção social compreende apenas localidades situadas nas proximidades imediatas, sendo as relações sociais que o povoam frequentemente referidas como relações difíceis, determinadas por divergências interlocais. A destruição de um sistema económico que tinha por base a agricultura conduziu a uma transformação radical dos géneros de vida das populações, facto que conduziu ao desaparecimento das práticas sociais que anteriormente organizavam o espaço local. Neste processo, os habitantes de Souselas surgem, aos olhos das outras localidades, como "*os diferentes*", aqueles "*que deixaram de ser como os outros*". São por isso sujeitos a uma prática colectiva de isolamento social, a que respondem pela sobrevalorização dessa mesma diferença.

Face à inexistência de uma modalidade relacional que lhe confira uma posição no interior do espaço local, Souselas pretende encontrar uma nova posição que lhe permita reorganizar o espaço em função das suas recentes características socioeconómicas. No caso de Souselas, o processo de modernização operou por invasão do espaço tradicional: a modernidade veio implantar-se no interior do mundo tradicional, obrigando este, sob pena de isolamento, a deslocar-se, para através de uma mobilidade (real e simulada) portadora de diferenças, iniciar o processo de transformação do meio envolvente, necessário à sua própria integração socioespacial. Em simultâneo com a contracção observada nas representações do espaço

local, observamos uma expansão dos espaços de referência regionais e nacionais, efectuada pelas deslocações de pessoas e de mercadorias.

A estratégia de reorganização do espaço desenvolvida pela localidade actua a diferentes escalas de representação. Vejamos o espaço local: à ausência de reciprocidade nas relações interloais, Souselas responde afirmando a existência de um movimento espacial unívoco que dirige para si própria. Representa-se assim como um *lugar central*, polarizador dos movimentos pendulares das populações das localidades situadas na sua proximidade.

"Souselas é que é, é o celeiro dessa gente toda aqui: não só das freguesias limítrofes...

P.- De onde, mais ou menos, é que eles costumam vir?

R.- É de todo o lado". (Souselas 4)

Paralelamente, a aldeia reorganiza a representação do espaço regional, de forma a encontrar nele relações que lhe confirmem uma *identidade urbana* legitimadora da sua nova posição (que no entanto se define no interior do espaço rural envolvente). Face a uma sociedade de agricultores que se reproduz, na sua própria semelhança, através de um modelo espacial fechado, os operários de Souselas produzem-se, nas suas diferenças, através de uma representação do território que corresponde a um modelo espacial aberto, orientado para *centros* situados a diferentes escalas (Coimbra, Aveiro, Porto, Lisboa). Este modelo permite-lhe pensar relações de complementaridade com o mundo urbano, substitutivas das anteriores relações com o mundo rural e legitimadoras da sua nova posição no interior deste. As relações com as cidades, particularmente com a cidade de Coimbra, emanam desse projecto de construção de uma nova identidade colectiva, baseada na representação de uma posição única, no interior do espaço local. As relações privilegiadas com a cidade vêm reforçar essa

representação, dado que marcam a singularidade da posição da aldeia: Souselas reivindica para si própria a diferença que lhe é conferida pela presença da fábrica e valoriza-a positivamente, pela afirmação de uma proximidade, de uma semelhança e mesmo de uma identificação, com o mundo urbano. É a cidade de Coimbra (convertida em emblema da urbanidade) que, pelas relações que Souselas pensa manter com ela, lhe confere a nova identidade, permitindo-lhe operar com vista à reorganização do espaço local. Tal como Coimbra centraliza um espaço regional envolvente, também Souselas pretende ocupar o lugar de centro urbano, relativamente ao espaço rural que a envolve. Quando diz que "*é como Coimbra*", Souselas pretende impor uma analogia que lhe confira o papel de centro e, conseqüentemente, lhe atribua uma periferia. De facto, parece ser essa a única possibilidade de reocupar, no interior do espaço local, uma posição reconhecida pelas outras localidades.

Esta posição funda-se na existência de relações sociais de complementaridade, estabelecidas entre o mundo *rural* e o mundo *urbano*, através da mediação de Souselas, que se situa numa posição privilegiada por possuir características de ambos os mundos. Trata-se de responder à perda de uma posição espacial pela organização de um novo espaço, no seio do qual se pretende ocupar uma posição estratégica valorizada. O êxito da aposta depende da adequação entre as relações reais e as relações representadas e, neste caso, da resposta dada por Coimbra às solicitações de Souselas, relativas à constituição de um modelo identitário baseado na actividade industrial comum. Ora, a presença da indústria é desvalorizada, e mesmo recusada, pelos habitantes de Coimbra, sendo Souselas tida como um caso excepcional numa região que se quer agrícola; Souselas interpela Coimbra em função de uma imagem de cidade que esta recusa, não podendo por isso conceder-lhe a solidariedade desejada. Se existe comunicação entre as duas localidades, esta só pode realizar-se para lá das

imagens desencontradas, através de uma funcionalidade real, que tem origem na mobilidade da população. Através dessa mobilidade (real e simulada), Souselas procura também referências em espaços urbanos situados no exterior da região de Coimbra, facto que resulta numa progressiva linearização e abertura do espaço e na criação de uma relativa autonomia face ao espaço tradicional envolvente. Os seus habitantes são actores sociais com referências identitárias situadas em pólos urbanos organizadores de múltiplas escalas de representação do espaço.

A linearização do espaço permite ainda uma centração sobre o espaço local, associada a uma valorização da nova actividade económica da localidade. A abertura do espaço traduz-se na existência de um espaço cosmopolita e na representação de um lugar, no seu interior, ocupado por Souselas (coisa que não acontece com as localidades rurais que a envolvem).

"Aqui por Souselas passam todos os dias camiões. Camiões que vão para todo o mundo. Realmente Souselas, por causa do cimento, é uma terra conhecida em todo o mundo" (Souselas 1)

REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO E MITO DE FUNDAÇÃO

O estudo de caso de Barcouço colocou uma questão de outro tipo: a relação que as periferias estabelecem com as cidades pode ser estruturada a partir de múltiplas temáticas (económica, administrativa, social e simbólica) e estas temáticas podem organizar-se de uma forma não homogénea. A negação de uma determinada divisão administrativa pode conduzir a uma clara dissociação entre os espaços de integração administrativa, social e simbólica, estando estes polarizados por cidades diferentes. Mostra ainda que a fixação de factos históricos pela memória colectiva pode ser central para a organização do espaço regional.

Barcouço pertence ao concelho da Mealhada e ao distrito de Aveiro; esta inclusão administrativa resultou de um acontecimento histórico que foi retido pela memória colectiva, que o perpetuou através de narrativas sucessivas, transformando-o no *mito de fundação* da aldeia; este afirma uma inclusão administrativa resultante de uma injustiça cometida pela rainha.

"Antigamente Barcouço pertencia à freguesia de Ançã. Ançã pertence a Cantanhede e Barcouço pertence à Mealhada. Isso deveu-se a um castigo: a população de Ançã devia, quando a rainha passou aqui, na estrada nacional, a população devia ir prestar vassalagem à rainha. Quando eles chegaram, aqui era um caminho de cabras, quando eles chegaram, a rainha já tinha passado. Como castigo o concelho foi suprimido." (Barcouço 2)

Os espaços de referência de Barcouço organizam-se segundo uma configuração presente, na sua actualização mais depurada, no espaço de referência organizado pela exclusão espacial. Trata-se de uma configuração cujo equilíbrio resulta de uma simetria, relativa a um eixo constituído por Aveiro, Barcouço e Coimbra. Barcouço pertence ao distrito de Aveiro, mas recusa essa inclusão e deseja uma exclusão. Simetricamente, Barcouço está excluído do distrito de Coimbra e deseja uma inclusão. O espaço encontra-se assim estruturado a partir de uma dupla exclusão, que especifica Barcouço como localidade marginal, relativamente aos espaços administrativos. Nesta configuração, Barcouço representa-se como uma localidade que não está incluída em "*parte nenhuma*".

"Não se compreende, Barcouço está tão próximo de Coimbra e pertence ao distrito de Aveiro. Barcouço deveria pertencer ao concelho de Coimbra e não ao concelho da Mealhada e ao distrito de

Aveiro, que se situa a 50km. Eu já fui a Aveiro e as pessoas não conhecem Barcouço, isso é mau. Porque é que não pertencemos ao distrito de Coimbra?" (Barcouço 1)

A mesma configuração organiza o espaço de referência da inclusão; Barcouço está administrativamente incluído no distrito de Aveiro e simbolicamente incluído no distrito de Coimbra. É então uma localidade que não está excluída de "*parte nenhuma*". A classificação das relações de inclusão e de exclusão retira a ambiguidade resultante do confronto das duas configurações, tornando coerente o sistema de representação dos espaços de referência. Relativamente ao distrito de Aveiro a inclusão é negativa e a exclusão é positiva e, inversamente, a inclusão no distrito de Coimbra é positiva e a exclusão é negativa. As espacializações positivas são imaginárias e desejadas e as espacializações negativas são reais, mas recusadas.

COIMBRA	AVEIRO
INCLUSÃO (+) imag	INCLUSÃO (-) real
EXCLUSÃO (-) real	EXCLUSÃO (+) imag

Conclui-se que as duas cidades (e respectivos distritos) são espacializados pelas mesmas modalidades, estando estas espacializações sujeitas a uma classificação que lhes confere um significado distinto. A classificação faz-se através de dois pares opositivos (valorizado/não-valorizado vs imaginário/real), estando cada *modo de espacialização* afectado a um ou outro termo de cada par, conforme a *cidade* em questão.

Desta representação resulta uma oposição binária, relativa às duas cidades e respectivos distritos, elaborada através de uma inversão dos termos de classificação correspondentes. Barcouço situa-se no centro desta inversão, numa posição que se define em função de dois espaços administrativos que se respondem. Esta organização geral manifesta-se, como vamos ver, na organização dos espaços locais e regionais.

À escala local, organiza-se um espaço de características rurais, e é no seu interior que Barcouço pretende afirmar uma integração social que legitime a inclusão administrativa desejada. O espaço objecto da acção social é disso exemplo: organiza-se evitando o concelho de Aveiro e afirmando uma interacção entre localidades que se situam no interior do concelho de Coimbra. O espaço da integração social estende-se até à cidade de Coimbra, organizando o espaço regional a partir do mesmo desejo de integração num espaço de que a aldeia está administrativamente excluída. Verificamos que a lógica de organização do espaço local é coerente com aquela que organiza o espaço regional; à escala regional desenham-se as configurações decorrentes do mito de fundação e à escala local desenham-se configurações que manifestam as componentes estruturantes do próprio mito (afirmação da legitimidade de uma inclusão no concelho de Coimbra).

Este estudo de caso permite alguma reflexão em torno da problemática das relações entre memória colectiva e representação do espaço. Para lá do facto de a narrativa reproduzir os acontecimentos que estão na origem da actual situação administrativa da aldeia, deve ainda tomar-se em linha de conta o facto de esses mesmos acontecimentos darem forma ao espaço que a comunidade representa, o que significa que dão forma ao território e portanto à identidade da comunidade. A narrativa está assim presente a um nível mais profundo e, pensamos, é esse facto que lhe confere o estatuto de

mito de fundação. Realmente ela funda a existência, no sentido tanto simbólico como pragmático do termo, da aldeia.

No que diz respeito à representação do espaço, podemos dizer que as correspondências estruturais de todos os espaços analisados demonstram que o território, nas suas múltiplas formas, é estruturado pelo mito: a vida da comunidade desenrola-se em espaços cuja organização tem origem num mito que se funda numa "*criação de uma falta*" (o espaço administrativo suprimido pela rainha) e que se perpetua numa "*falta*" relativa ao espaço administrativo presente, mas recusado, e ao espaço administrativo ausente, mas desejado (Greimas e Courtés 1979). São os dois espaços administrativos e as cidades que os emblematizam que são colocados numa dupla articulação, de forma a estruturar um espaço que é garante da identidade da aldeia. Trata-se de uma identidade que se funda na criação e na institucionalização de uma "*falta*" e no *projecto* da sua "*liquidação*"; dois tempos que se encadeiam num percurso narrativo que organiza um mito continuamente aberto, porque a narrativa pára num tempo projectivo sem que a realização do *projecto* se efectue. Organizam-se assim configurações espaciais estáveis (articuladas em torno de uma oposição entre duas cidades), mas afectadas a um mito aparentemente inacabado.

O ESPAÇO LOCAL COMO FACTOR DE BLOQUEAMENTO

Por fim, o estudo de caso de Coimbra permite observar a relação *cidade/campo*, não do ponto de vista do campo, como fizemos até aqui, mas do ponto de vista da cidade. Neste caso, do ponto de vista de uma *cidade* algo particular, prisioneira de uma representação clássica da relação *centro/periferia* que a impede de se adaptar às transformações que o processo de urbanização introduziu no País. O aparecimento de novos

centros urbanos, que disputam com Coimbra as suas áreas de influência, enfraqueceu, do ponto de vista hierárquico, a posição da cidade, sendo que esta não parece possuir os meios necessários para reagir a essa perda de estatuto. A compreensão da problemática relativa à posição que a cidade de Coimbra ocupa no espaço regional passa por uma interpretação das representações relativas aos espaços local, regional e nacional, e às interrelações que estes mantêm entre si.

À escala local, Coimbra organiza um espaço reduzido, que compreende a cidade e as localidades situadas no espaço envolvente. Trata-se de um espaço organizado por relações funcionais e por posições formais de proximidade. Os deslocamentos da população, uma economia fortemente ligada ao sector primário, a sociedade e a história tematizam esta configuração, no interior da qual a *cidade* ocupa uma posição central. A colocação ao *centro* é reforçada por uma forte *centração* do grupo sobre a cidade, relativa a uma imagem identitária muito forte e à eficácia simbólica de um mito de fundação que liga indissoluvelmente a imagem da *cidade* à Universidade. Do confronto entre a percepção do espaço local (na sua forma de colocação ao centro e no seu conteúdo tradicional) com o espaço real ressalta um desvio, devido ao anacronismo da imagem veiculada pelos habitantes da cidade. O efeito desse desvio vai manifestar-se na forma como Coimbra tenta gerir (ou não gerir) a sua colocação no interior dos espaços regional e nacional.

"P.- Acha que a população de Coimbra é homogénea?

R. - Bem, há os intelectuais, isso há. E há outros, a outra, as outras pessoas, portanto, medianamente intelectuais. E há efectivamente a zona do campo, acho que sim, acho que se podem definir essas três. Toda a região de Coimbra vive da agricultura, para fornecer o mercado de Coimbra". (Coimbra 3)

O desenvolvimento recente de pequenos centros urbanos situados no Litoral põe em questão a posição de centro regional que Coimbra tenta salvaguardar. Pelas suas dinâmicas funcionais, estes centros põem em causa a posição superior que Coimbra pretende manter. A interpretação das configurações espaciais que resultam da análise dos entrevistados de Coimbra permite ilustrar o que acabámos de afirmar: as quatro cidades mais importantes da Região Centro (Aveiro, Figueira da Foz, Leiria e Coimbra) são preferencialmente representadas através de formulações que hierarquizam o espaço. Confrontada com uma nova hierarquia de centros regionais, a cidade de Coimbra mostra-se inoperante, quanto a um reposicionamento necessário. Em parte, isto deve-se ao facto de a imagem que Coimbra faz de si própria não corresponder à sua dinâmica funcional real e, também, à excessiva centração sobre si própria. Um estudo que tenha em linha de conta a interacção entre as escalas permite elucidar esta questão

A configuração que a cidade constrói para o espaço local impede a representação operatória de um dinamismo espacial integrador da alteridade e, portanto, dos novos centros urbanos. Para que esse dinamismo se mantivesse, seria necessário que Coimbra se integrasse num espaço de transformação, o que pressupunha que as unidades que o constituem (Coimbra incluída) reestruturassem as suas posições e renegociassem as suas relações. Do ponto de vista de Coimbra a negociação é impossível porque a cidade procura reproduzir à escala regional a configuração do espaço local. A transposição de configurações (do espaço local para o espaço regional) supõe que a cidade de Coimbra ocupe, no interior das duas escalas de representação, duas posições análogas. Ou seja, sempre a posição de centro polarizador do espaço envolvente. Acontece que essa correspondência é incompatível com o espaço regional real e com a sua

transformação, que exige a Coimbra a capacidade de negociar um reequilíbrio da sua posição, no interior de um espaço transformado pelo desenvolvimento de novos centros. É isso que a cidade não parece poder fazer.

Se alargarmos ainda mais a escala da nossa abordagem verificamos que as preocupações dos entrevistados se confinam ao interior de um território cujos limites correspondem à Região Centro. Os dois pólos urbanos situados no exterior deste (Lisboa e Porto) são representados num espaço organizado preferencialmente pela colocação formal à distância. Esse facto leva-nos a pensar que a impossibilidade de manter, com as duas capitais das Regiões contíguas da Região Centro, relações baseadas numa equivalência das funções centrais que cada uma assumiria no interior da sua própria região (Coimbra não consegue polarizar a Região Centro, que se deixa atrair pelos outros dois centros, situados no seu exterior), faz com que Coimbra as represente como cidades distantes e com dinâmicas de desenvolvimento que a concepção tradicional coimbrã recusa.

"Eu acho que a resposta para Coimbra está precisamente no desenvolvimento dessas ... do aproveitamento, do aproveitamento do rio; do aproveitamento do rio e portanto das suas potencialidades em termos de agricultura. Eu não estou a ver aqui Coimbra transformado num centro industrial, não sou capaz de ver isso". (Coimbra 2)

O confronto com as representações espaciais das localidades situadas na periferia de Coimbra leva-nos a verificar que estas não são equivalentes àquelas que os habitantes da cidade elaboram. Como vimos, as localidades por nós estudadas (com especial destaque para Souselas) representam espaços de referência onde colocam *centros* urbanos situados no exterior da Região Centro, através de modalidades relacionais. A partir de uma

centração sobre o local, essas localidades associam-se a múltiplos lugares centrais, representados como espaços de referência não só para as deslocações da população e das mercadorias mas também para os valores culturais.

Da comparação das configurações do espaço de referência da cidade e das configurações dos espaços de referência das aldeias ressalta o atrofamento da primeira relativamente às segundas, o que parece paradoxal, porque a cidade deveria colocar as suas referências num espaço mais alargado que os espaços em que as aldeias colocam as suas. Observamos que Coimbra não investe no espaço nacional, colocando à distância os centros que o organizam. Para o estruturar de outra forma, seria necessário que ela se confrontasse com Lisboa e Porto, o que, devido às relações económicas e sociais reais, poderia desviar Coimbra do papel de *centro* para o papel de *periferia*. Uma estrutura espacial de conjunto, que colocasse nas suas interações os sistemas relativos às diferentes escalas de representação, deveria gerir o facto de Coimbra ocupar, a escalas diferentes, as duas posições da relação estrutural elementar: a de *centro* e a de *não-centro* (mesmo de *periferia*). A partir de um mesmo espaço de concentração, a representação do espaço deveria pensar a relação *centro/periferia* nas suas duas orientações. Isto implicaria uma relatividade dos pontos de vista, que exigiria o funcionamento do *pensamento operativo* (entendimento da reversibilidade das posições)(Piaget 1981). A lógica espacial que preside à organização do espaço local e que, ao mesmo tempo, sobredetermina a representação do espaço regional, é portanto diferente daquela que poderia organizar configurações dos espaços regional e nacional compatíveis com o espaço real.

A análise das inter-relações entre as três escalas de representação do espaço permite-nos concluir que estas mantêm entre si relações de

dependência. Os problemas representados à escala regional e nacional têm as suas origens na escala local, aparentemente ausente mas determinante. A dificuldade que Coimbra manifesta em se colocar no interior do espaço regional deve-se ao facto de se manter fechada no interior de um espaço onde pretende continuar a ocupar o centro. A incapacidade para se posicionar, de uma forma análoga, no interior do espaço regional, reflecte-se na representação do espaço nacional: a ambiguidade que Coimbra não é capaz de resolver, relativa ao seu papel na Região Centro, impede-a de se afirmar frente ao conjunto do País. Trata-se de um bloqueamento que opera ao nível da passagem da escala local à escala regional. As transformações do espaço regional e do papel da cidade no seu interior não podem, consequentemente, ser efectuadas, sem que o espaço local seja transformado.

O estudo de caso de Coimbra revela a diversidade de situações que podem ocorrer, se pensarmos do ponto de vista das cidades, nos processos de urbanização do território. Enquanto umas assumem novos papéis e organizam novos espaços envolventes (é o caso, por exemplo, de Aveiro e Leiria), outras têm dificuldade em transformar a imagem tradicional do seu papel de centro urbano. De facto, os habitantes de Coimbra mantêm uma imagem de cidade que se revela desajustada. É a cidade do comércio e dos serviços que serve uma região rural envolvente, a cidade da Universidade, da "queima das fitas", das feiras e festas religiosas. O primeiro desajuste refere-se à representação do meio rural, que não é mais como a cidade o representa - como vimos, trata-se de um meio social em transformação, sendo que essa transformação passa pelo estabelecimento de relações com cidades mais distantes e cosmopolitas do que Coimbra -, e o segundo refere-se aos novos pólos urbanos, que desenvolvem dinâmicas associadas a novas actividades económicas, que se revelam mais modernas do que a dinâmica mantida por Coimbra.

CONCLUSÃO

Os quatro estudos de caso aqui resumidos demonstram que a partir da compreensão da dinâmica de cada localidade se desenha um espaço de conjunto, constituído pelas representações colectivas de localidades colocadas numa situação de comunicação. As posições relativas do *campo* e da *cidade* revelam-se assim variáveis e organizadas em diversas formas espaciais. Partindo do princípio de que existe uma comunicação inter-localidades, podemos tentar confrontar as imagens recíprocas da *cidade* de Coimbra e das três *aldeias* que lhe são periféricas. Concluimos que se equivalem, mas apenas parcialmente.

O caso da relação Souselas/Coimbra é, desse ponto de vista, particularmente revelador. Como vimos, Souselas sustenta a construção da sua nova identidade industrial num projecto de espaço que privilegia as relações com o urbano, aparecendo as relações com Coimbra a integrar essa representação. No entanto, quando comparamos essa representação com aquela que Coimbra faz da sua região, concluimos que são diferentes. Enquanto Souselas privilegia o sector secundário, que faz equivaler à sua noção de urbano, Coimbra tenta, nas representações, apagar a sua importância, substituindo-o pela imagem de uma cidade ligada ao terciário e organizadora de uma periferia fortemente marcada pelo primário.

O estudo de caso de Souselas, quando confrontado com o de Coimbra, alerta-nos para o problema da coincidência, ou da não-coincidência, das imagens veiculadas pelas representações do espaço das várias localidades. Entre Souselas e Coimbra a coincidência é apenas relativa: Souselas transforma Coimbra num emblema de *urbanidade*, mas a noção de urbanidade das duas localidades envolvidas não é coincidente. Para

Souselas, urbano é igual a industrial, enquanto para Coimbra essa equivalência não só não é verdadeira, como até deve ser evitada. Conclui-se que a Região se constrói a partir de representações que nem sempre se correspondem, mas que, no entanto, interagem no interior de um processo de comunicação de conjunto.

Portunhos e Barcouço não parecem, a esse nível, revelar desajustes tão evidentes. O facto de continuarem a ser localidades fortemente rurais leva-as a integrar a periferia de uma forma que corresponde à representação que a *cidade* faz da relação *centro/periferia*. Ou seja, os habitantes das *aldeias* vêm à *cidade* para utilizar os seus serviços e para integrar as suas manifestações de unidade ritual e simbólica. O caso de Barcouço é aliás particularmente representativo desse facto. As características tradicionais da *aldeia* levam-na a identificar-se com Coimbra e a rejeitar Aveiro que, para lá de ser mais distante, desenvolve uma dinâmica de desenvolvimento industrial estranha à *aldeia*, facto que também deve contribuir para a referida rejeição.

Lisboa, 1994
Filomena Silvano

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, M.

1994, *Pour une anthropologie des mondes contemporains*, Paris, Aubier.

1992, *Non-Lieux*, Paris, Seuil.

BERGER, P. e LUCKMANN, T.

1976, *A construção social da realidade*, Petrópolis, editora Vozes, (1ª ed.1966).

CAROUX, J.

1975, *Évolution des milieux ouvriers et habitat; Étude exploratoire des relations modes de vie/habitat*, Centre d'Ethnologie sociale et Psychologie.

CONNERTON, P.

1993, *Como as sociedades recordam*, Oeiras, Celta, (1^a ed. 1989).

DURKHEIM, E.

1979, *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Paris, PUF, (1^a ed. 1912).

1970, *La science sociale et l'action*, Paris, PUF, (textos reunidos e apresentados por J.-C. Filloux).

1960, *De la division du travail social*, Paris, PUF, (1^a ed. 1893).

GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J.

1979, *Sémiotique - dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Tome 1, Paris, Hachette.

HALBWACHS, M.

1968, *La mémoire collective*, Paris, PUF, (1^a ed. 1950).

1970, *Morphologie sociale*, Paris, A. Colin, (1^a ed. 1938).

HANNERZ, U.

1983, *Explorer la ville*, Paris, Minuit, (1^a ed. 1980).

LEDROUT, R.

1990, "L'homme et l'espace", in *Histoire des mœurs I, Encyclopédie de la Pléiade*, Paris, Gallimard.

1984, *La forme et le sens dans la Société*, Paris, Méridiens.

1980, "Espace et Sociétés", in *Espaces et Sociétés*, n° 34-35, Paris, Anthropos.

1979, *La révolution cachée*, Paris, Casterman.

1976, *L'espace en question*, Paris, Anthropos.

1973, *Les images de la ville*, Paris, Anthropos.

LÉVI-STRAUSS, C.

1974, *Anthropologie structurale*, Paris, Plon, (1^a ed. 1958).

sd, *Antropologia estrutural dois*, Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, (1^a ed. 1973).

1962, *La pensée sauvage*, Paris, Plon.

NEVES, J. e SILVANO, F.

1990, "Enraizamento e cosmopolitismo : contributo para uma análise da recomposição urbana", in *Viver (n) a cidade*, Lisboa, LNEC-ISCTE.

PAUL-LÉVY, F. e SEGAUD, M.

1983, *Anthropologie de l'espace*, Paris, Centre Georges Pompidou/CCI.

PELLEGRINO, P. et al.

1987, "Espace régional et espace local entre centre et périphérie", in *Colóquio internacional espaço e periferia*, Lisboa, APDR e ASRLF.

1986a, *Espace et développement, Développement spatial et identités régionales au Portugal - tome I*, Genève, CRAAL -UNESCO.

1986b, *La théorie de l'espace humain, transformations globales et structures locales*, Genève, CRAAL-UNESCO.

1986c, "Architecture du territoire et problèmes régionaux", in *Les sciences sociales face à l'identité régionale ; cinq approches*, Berne, AUPT.

1983a, *Identité régionale et représentations collectives de l'espace*, Genève, CRAAL-FNSRS.

1983b, *Espaces et culture*, Berne, Ed.Georgi Saint-Saphorin.

PELLEGRINO, P. e SILVANO, F.

1986d, "El territorio de la identidad y la figura del árbitro", in *Revista de Occidente - deporte y modernidad*, Julio-Agosto, Madrid.

PERRIN, M.

1986, *Une interprétation morphogénétique de l'initiation chamanique*, Paris, Navarin.

REMY, J.

1994a, "Vie sociale, réseau et métropole", in *Les faces cachées de l'urbain*, Berne, P. Lang.

1994b, "La ville : réseau alvéolaire et mobilité spatiale", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

1993a, "Le poids social des positions moyennes - analyse à partir d'une problématique de morphologie sociale", in *Recherches sociologiques*, vol..XXIV - n° 3.

1993b, "Le rural et l'urbain entre la coupure et la différence : la métamorphose des relations villes/campagne", in *Espaces et sociétés*, n° 72, Paris, Harmattan.

1991, "Morphologie sociale et représentations collectives - le statut de l'espace dans la problématique durkheimienne", in *Recherches sociologiques*, vol.XXII - n° 3.

1990, "La ville cosmopolite et la coexistence inter-ethnique", in *Immigrations et nouveaux pluralismes?*, Albert Bastenier/Felice Dassetto.

1988, *O espaço e a Sociologia*, entrevista de Filomena Silvano, in *Jornal de Letras*, 15.08.88.

1984, "Centration, centralité et haut lieu : dialectique entre une pensée représentative et une pensée opératoire", in *Territorialités*, n° 3-4, Bruxelles, Ed.de l'Université de Bruxelles.

REMY, J. e VOYÉ, L.

1981, *Ville, ordre et violence*, Paris, PUF.

SALVADOR, J.

1991, *Sociologie des genres de vie, morphologie culturelle et dynamique des positions sociales*, Paris, PUF.

1994, "Les niveaux d'analyse sociologique des systèmes de représentation et de pratiques", in *Espaces et sociétés - espaces et styles de vie*, n° 73, Paris, Harmattan.

SENNETT, R.

1979, *Les tyrannies de l'intimité*, Paris, Seuil, (1ª ed. 1974).

1992, *La ville à vue d'oeil*, Paris, Plon, (1ª ed.1990).

SILVANO, F.

1994a, "Mobilités : projets de vie et projets d'espace" , in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

1994b, "Exclusão territorial", in *Revista Mediterrâneo - Coexistência e exclusão urbanas*, Lisboa, UNL-Instituto Mediterrânico.

1994c, "Gerir as Distâncias : Mobilidade e Recomposição Identitária", in *Antropologia Portuguesa*, Coimbra.

1993, "Sobre o efeito de composição da modernidade" e "A construção de uma casa", in *Antropologia Portuguesa, Práticas artísticas na modernidade*, vol.11, Coimbra.

1990a, "L'émigration en tant que processus de déplacement et de recomposition de l'habitat", in *Sociedade e Território - Enjeux sociaux et transformations du territoire*, nº especial, Setembro, Lisboa.

1990b, "Os lugares da cidade - multiplicidade de escalas de representação do espaço e papel da cidade nas estratégias de organização do espaço local", in *A Sociologia e a Sociedade portuguesa na viragem do século - actas do I congresso português de Sociologia*, vol. II, Lisboa, Editorial Fragmentos.

1988, *Identidades regionais e representações colectivas do espaço*, Lisboa, UNL.

1987, "Coexistence et interaction des échelles de représentation de l'espace : contribution à l'étude de la genèse et dynamique des régions périphériques", in *Actas do colóquio internacional espaço e periferia*, Lisboa, APDR e ASRLF.

SOUSA SANTOS, B.

1994, *Pela mão de Alice*, Porto, Afrontamento.

1993, *Portugal : um retrato singular*, Porto, Afrontamento.

THOM, R.

1981, *Modèles mathématiques de la morphogénèse*, Paris, C. Bourgois.

VIRILIO, P.

1984, *L'Espace critique*, Paris, Christian Bourgois.

1980, *Esthétique de la disparition*, Paris, Balland.